



## PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA LEXICOGRAFIA DA DIVERSIDADE: DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR ENTRE A DIALETOLOGIA E A LEXICOGRAFIA HISTÓRICO- VARIACIONAL

Cemary Correia de Sousa (UFBA)<sup>1</sup>  
[cemarycorreia@bol.com.br](mailto:cemarycorreia@bol.com.br)

**RESUMO:** Produtos lexicográficos, tais como dicionários, vocabulários e glossários, têm em sua gênese a função de registrar um pouco do espólio cultural que se constrói com o uso da língua. Evidencia-se, contudo, que, em especial no Brasil, no que concerne à variação, apesar do contínuo avanço dos estudos dialetais, mormente no campo das pesquisas voltadas para o léxico do português brasileiro, os trabalhos lexicográficos em geral ainda não registram satisfatoriamente a diversidade linguística. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo discutir os pressupostos metodológicos da Lexicografia histórico-variacional através da apresentação do Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil (SOUSA, 2019), o qual tem seu *corpus* constituído a partir das respostas ao *Questionário Semântico-Lexical (QSL)*, um dos instrumentos metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, referente a 14 áreas temáticas – *Acidentes geográficos; Alimentação e cozinha; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Corpo humano; Fauna; Fenômenos atmosféricos; Habitação; Jogos e diversões infantis; Religião e crenças; Vestuário e acessórios e Vida urbana* – totalizando 202 questões, em 6 capitais da Região Norte do Brasil: Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho. Ademais, busca-se apresentar uma interface de trabalho funcional entre a Lexicografia histórico-variacional e a Dialetologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia Histórico-Variacional. Dialetologia. Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil.

**RESUMEN:** Los productos lexicográficos, como diccionarios, vocabularios y glosarios, tienen en su génesis la función de registrar un poco del patrimonio cultural que se construye con el uso del lenguaje. Sin embargo, es evidente que, especialmente en Brasil, con respecto a la variación, a pesar del avance continuo de los estudios de dialecto, especialmente en el campo de la investigación centrada en el léxico portugués brasileño, los trabajos lexicográficos en general todavía no registran satisfatoriamente la diversidad lingüística. En este sentido, este artículo tiene como objetivo discutir los supuestos metodológicos de la lexicografía histórico-variacional a través de la presentación del vocabulario dialectal de la región norte de Brasil (SOUSA, 2019), que tiene su corpus basado en las respuestas al cuestionario semántico-léxico (QSL), uno de los instrumentos metodológicos del Proyecto Lingüístico Atlas de Brasil, referido a 14 áreas temáticas - *Accidentes geográficos; Comida y cocina; Estrellas y tiempo; Actividades agrícolas; Ciclos de vida; Interacción social y comportamiento; Cuerpo humano; Fauna Fenómenos atmosféricos; Vivienda; Juegos infantiles y entretenimiento; Religión y creencias; Ropa y accesorios y vida urbana*: un total de 202 preguntas, en 6 capitales del norte de Brasil: Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco y Porto Velho. Además, busca presentar una interfaz funcional de trabajo entre la lexicografía histórico-variacional y la dialectología.

**PALABRAS CLAVE:** Lexicografía Histórico-Variacional. Dialectología. Vocabulario dialectal de la región norte de Brasil.

<sup>1</sup> Doutoranda em Dialetologia e Sociolinguística no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, onde fez mestrado e graduação.



## 1 Introdução

O léxico de uma língua “é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo” e, por essa razão, é o aspecto mais afetado pelas mudanças ao longo do tempo (VILELA, 1994, p. 14). Nesse sentido, o léxico é o nível da língua que mais rapidamente acompanha as dinâmicas da sociedade, adaptando-se aos novos contornos sociais e desejos do falante, o qual age sobre a língua significando e, em tempos em que o debate acerca do respeito à diversidade está em voga, ressignifica os usos linguísticos.

Assim, ao pensar sobre os produtos lexicográficos, em especial os dicionários, ou mesmo os *thesaurus* de uma língua, como a ferramenta responsável por guardar, dentro da dimensão do possível, as unidades de língua de uma nação, é necessário considerar que um dicionário representa apenas uma parte da realidade linguística de uma comunidade. Nesse contexto, dentre os fatores que impossibilitam tal registro, cabe destacar o lugar ocupado pela globalização e a facilidade que essa trouxe para o estabelecimento da comunicação entre povos, pois, de tempos em tempos, unidades linguísticas caem em desuso ou novas unidades aparecem muitas vezes como usos da moda<sup>2</sup>, as quais nem sempre permanecem na língua a ponto de alcançarem o estatuto necessário para serem dicionarizadas.

De tal modo, há unidades lexicais que, em sua vasta potência, não podem ser canonizadas e aprisionadas em páginas de dicionários. Afinal, o que confere vitalidade e dinamicidade aos vocábulos, quando em seu “estado de dicionário”, não é a função de aprisionar o sentido a um ordenado de significantes, mas sim a capacidade de converter tal enrijecimento em possibilidade de uso.

Por essa razão, é mister defender o desenvolvimento de uma lexicografia da diversidade, ou seja, um tratamento lexicográfico dos dados que considere as

---

<sup>2</sup> Entende-se por usos da moda as unidades vocabulares que são repetidas exaustivamente por celebridades e pessoas comuns, dentro ou fora de contexto, sobretudo as expressões em língua inglesa, como *crush*, *stalkear*, *bugado*, *shippar* etc.

idiosincrasias dos sujeitos e de sua comunidade de pertencimento. Para o cumprimento de tal objetivo, este estudo apresentará um resultado dessa interface: o Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil (VDRNB), dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal da Bahia em 2019.

## 2. Revisão de Literatura

Com o fito de melhor compreender a multifacetada realidade lexical de uma língua e promover a interação entre as nações, muito antes da Lexicografia instituir-se como disciplina linguística, as sociedades presenciaram o surgimento dos primeiros produtos lexicográficos.

Mesmo *dicionário* tendo origem no latim medieval *dictionarius*, que significa coleção de palavras, tal prática de organizar palavras em forma de listas remonta ao tempo dos Acádios, povo habitante da região central da Mesopotâmia, no século VII a C. Segundo Farias (2007, p. 89):

[...]existiam [...] listas bilíngües onde cada termo sumério é apresentado com sua tradução em acadiano e essas tiveram um papel cada vez mais importante[...] Essas listas bilíngües apresentavam organização a partir de campos semânticos ligados principalmente às atividades mercantis da época. Os babilônios também se inserem nessa pré-história da lexicografia ao produzirem suas listas de palavras três milênios antes da era cristã.

No que tange à Lexicografia na Antiguidade, ampliando o aporte de registro, salienta-se a importância dos glossários, sobretudo os produzidos pela escola grega de Alexandria e, entre os latinos, o *Appendix Probi*, do século II d.C, uma lista composta por 227 linhas que apresenta um inventário de formas “corretas” à esquerda e “incorretas” à direita. As formas desviantes eram utilizadas pela massa popular e incluíam a inserção do diminutivo, mudanças no timbre das vogais, e processos metaplásmicos, mormente de supressão, como a queda do “m” no final de alguns itens, como nas glosas: *Hercules non Herculens*, *columna non colomna* e *brabium non brabium*

O *Appendix Probi* tinha como principal objetivo o espelhamento do latim clássico, a língua da Igreja, do direito, do saber, da cultura e dos documentos oficiais, na fala culta, negando o uso de qualquer forma que destoasse do padrão imposto. Ainda deste período, cita-se como obra de grande relevância o texto *De Lingua Latina*, da autoria de Varrão, gramático romano do século I a.C., que apresentava além da etimologia, os aspectos semânticos de alguns vocábulos.

Desse modo, tal realidade impulsionou a criação de glossários, entretanto,

[...] essas obras tinham como consulentes somente os mestres, pois tratavam-se de textos complexos, volumosos e de manipulação muito difícil. Posteriormente, com a descoberta da imprensa e com a expansão da escolarização na Europa, essas obras tornaram-se mais acessíveis (FARIAS, 2007, p. 91).

No tocante ao contexto da Idade Média, esse período pode ser caracterizado como um momento de alta produtividade lexicográfica, já que os filólogos e gramáticos começaram a produzir trabalhos que instruísem acerca do “uso correto” do vocabulário, especialmente na modalidade escrita. Afinal, nesse momento histórico havia um gama considerável de línguas em contato por conta das conquistas de novos territórios, o que ameaçava o “bom uso” do latim.

Dessa forma, pode-se citar como glossários a época as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, a primeira enciclopédia escrita na cultura ocidental, composto de vinte volumes, uma obra indispensável nas bibliotecas da época. A esse respeito, Nunes (2006, p. 46) afirma que tal obra “contemplava desde as artes liberais, com destaque para o *trivium* (lógica, retórica e gramática) até as artes utilitárias: saber jurídico, teológico, ciências da guerra e do mar, tempo e espaço cotidiano.”

Ademais, citam-se também o *Glossário de Reichenau* (séc. VIII); o *Glossário de Cassel* (séc. IX); além do *Papias* e do *Catholicon*, de João Baldo de Gênova (séc. XV), primeiro dicionário a ser impresso por Gutenberg, alemão que aprimorou a impressão e revolucionou a história da informação”. (COSTA, 2018, pp. 28-29).

Com a chegada da Modernidade o homem passa a ser o centro de sua própria realidade, as expansões marítimas se desenvolveram, assim como as artes, o que



possibilitou uma maior troca de saberes entre povos com diferentes línguas. Dessarte, pode-se atestar que esse é o momento em que de fato a prática lexicográfica se intensifica, pois

surgem nesta época, mais precisamente no século XV, os primeiros dicionários bilíngües espanhóis: o dicionário castelhano latim *Universal Vocabulario*, de Alonso Palencia (1490), o vocabulário *Latino Español* da autoria de Antonio de Nebrjia, que mais tarde, em 1507, publica também um dicionário latim-catalão. A Europa, do século XVI, foi marcada pelo surgimento de inúmeros dicionários bilíngües em muitos países como a Espanha, Itália, França e Portugal. Na França, destacamos o *Dictionarium latino-gallicum* e o *Dictionnaire françois-latin*, de Robert Estienne, publicados em 1539. Foi durante o período renascentista que os dicionários de uma única língua passaram a ser chamados de *thesaurus* (*tesouro*). Podemos então citar as seguintes obras caracterizadoras desta fase: o *Thesaurus latinae linguae*, de Robert Estienne, publicado em 1532 e o *Thesaurus graecae linguae*, de Henri Estienne, publicado em 1572 (FARIAS, 2007, p. 92).

Ainda no século XVI ocorreu o início da produção de obras lexicográficas em língua portuguesa, com a publicação do *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562), de Jerônimo Cardoso, fixando a técnica de elaboração de qualquer dicionário em português. Nessa mesma época, os padres jesuítas devido a sua missão de catequização e escolarização dos gentis, investiram na produção de manuais escolares e de dicionários.

Já no século XVII a publicação de algumas obras monolíngües marcou época, como o *Tesoro de la Lengua Castellana*, de autoria de Sebastian Covarrubias, uma enciclopédia que oferece informações complexas a respeito da cultura da época; o *Diccionario de Autoridades*, da Real Academia Espanhola, que defende a ideia de que uma língua deve pautar-se na norma usada pelos melhores literatos; e os dicionários franceses *Richelet*, *Furetière* e o *Diccionario da Academia Francesa*, configurando o “grand siècle”<sup>3</sup> da civilização francesa.

---

<sup>3</sup> Período no qual a França superou a Espanha como potência dominante na Europa e estabeleceu sua primazia cultural.

A *Enciclopédia* caracterizou o grande projeto lexicográfico do século XVIII, impulsionado por Diderot e D'Alembert, mas posteriormente notáveis figuras do Iluminismo contribuíram para a obra, incluindo Turgot, Holbach e Montesquieu.

Nesse mesmo século ocorreu a produção das obras lexicográficas portuguesas mais completas até então, como o dicionário bilíngue o *Vocabulario Portuguez e Latino*, do padre Raphael Bluteau, composto de dez volumes, elaborado em Coimbra entre os anos de 1712 e 1721. O *Vocabulario* apresenta uma variedade de informações,

não é apenas um dicionário bilingue cujo objetivo seria fornecer a palavra ou expressão latina que traduzisse um termo português; na verdade, Bluteau elaborou um trabalho misto, pois a parte relativa à língua portuguesa constitui praticamente um dicionário da língua portuguesa (BIDERMAN, 1984, p.5 *apud* COSTA, 2018, p. 31).

Murakawa (2001, p. 154) acrescenta ainda que o trabalho dá “[...] continuidade ao espírito humanista do Renascimento de que o dicionário é uma obra em constante evolução, foi o primeiro a fixar um *corpus* lexical autorizado para a língua portuguesa”.

Outra obra importante é *Elucidario de palavras e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros, e preciosos, que entre nós se conservam*, elaborado pelo Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, em Lisboa em 1798.

Uma obra-prima da Lexicografia é o trabalho de Moraes e Silva, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, o primeiro dicionário monolíngue em português, editado em Lisboa, em 1789. Na primeira edição, o autor apresenta um resumo da obra de Bluteau e faz alguns acréscimos. Já na segunda edição, em 1813, composta por dois volumes e toma para si a publicação. Segundo Biderman (1984, p.5 *apud* COSTA, 2018, p.31):

É o primeiro dicionário de uso da língua, muito avançado para os padrões lexicográficos da época. Apesar de ter-se baseado na obra do Padre Bluteau, sobretudo na primeira edição, na segunda edição Moraes libertou-se de seu modelo, ampliou consideravelmente a obra com respeito ao número de verbetes, incluídos, e mais que isso, apurou o seu trabalho lexicográfico.

No que se refere à Lexicografia em língua portuguesa, o século XIX apresentou importantes obras como *O Grande Dicionário Português* ou *Tesouro da Língua Portuguesa* (1871-1874), da autoria de Frei Domingos Vieira. A obra foi construída a partir dos esquemas e anotações do religioso, porém, foi executada por uma equipe em consequência do falecimento do Frei.

*O Grande Dicionário* apresenta como relevante contribuição para o campo lexicográfico o tratamento da definição lexicográfica acompanhada de abonações que contextualizam a unidade linguística. Desse modo, é “bastante completo e informativo para o século XIX. Via de regra os significados e usos linguísticos são ilustrados com citações de bons autores. São indicados: o étimo da palavra-entrada, expressões idiomáticas e sintagmas frequentes em que ocorra esse vocábulo-lema” (BIDERMAN, 1984, p.6 *apud* COSTA, 2018, p. 33).

Outra obra importante é o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (1881), planejado e iniciado por Caldas Aulete, mas que por sua morte prematura foi finalizado por Santo Valente e equipe. Seguindo o princípio proposto por Moraes e Silva de incluir brasileirismos nas obras, tal ideia passou a caracterizar a atividade lexicográfica em língua portuguesa. Assim, Nunes (2006, p. 58) orienta que os trabalhos monolíngues podem ser divididos em dois momentos:

O primeiro é o que vem da tradição portuguesa. Os dicionários gerais, tais como Moraes (1789), Aulete (1881) e o Figueiredo (1899) passam a incorporar um número cada vez maior de brasileirismos. Trata-se da via de complementação ou enriquecimento da língua portuguesa, marcada pela continuidade. A outra via é a da produção de dicionários de brasileirismos, cada vez mais extensos. Essa via marca-se pela tendência à ruptura e vê a perspectiva de um dicionário que representasse a língua nacional. Esses dicionários do final do século XIX apontam para a vinda dos grandes dicionários brasileiros de língua portuguesa, o que de fato só ocorrerá em meados do século XX.

Cabe salientar ainda que no século XIX, impulsionado pelos ideais românticos de busca por uma identidade nacional, em que, obviamente, insere-se a língua e suas

nuances, a Lexicografia investiu em trabalhos que trouxessem à tona a norma brasileira em oposição à europeia. Dentre essas obras, cita-se o *Diccionario da Língua Brasileira* (1832), de Luís Maria Silva Pinto; o *Vocabulario Brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* (1853), de Braz da Costa Rubim e o *Vocabulario indígena em uso na Província do Ceará* (1887), de Paulino Nogueira, além de muitos outros.

No século XX, outras obras merecem destaque: o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes (1961-1967), o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, (1975; 1986; 1999), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2004), o *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998) e o *Dicionário UNESP o português contemporâneo* (2004), de Borba e colaboradores.

O trabalho de Nascentes conta com aproximadamente 25.000 unidades lexicais, organizado em quatro volumes. Apesar de todo o rigor científico na composição do material, essa obra é pouco conhecida, pois foi publicada uma única edição, esgotando-se rapidamente.

O dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira é seguramente, no Brasil, o mais vendido da atualidade. Nele podem ser encontrados arcaísmos, gírias, regionalismos e estrangeirismos. Assim, devido ao sucesso popular,

*o Aurélio* tem sido objeto de muitas pesquisas lexicográficas e, conseqüentemente, também de várias críticas. Segundo Biderman (2000), por exemplo, a obra peca pelo inchaço em sua nomenclatura, faltam-lhe fontes seguras para abonar termos técnicos e ainda, segundo a lexicógrafa, seu modelo de verbete é questionável (COSTA, 2018, p. 35).

Contudo, apesar das críticas tecidas por especialistas da área, ele segue destacando-se na vendagem de dicionários e se adaptando às novas ferramentas tecnológicas – versão em disquete (1998); versão em CD-ROM (1999) e uma versão para internet desde 2001.



Também segue pelo caminho tecnológico o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), elaborado por Antônio Houaiss e equipe, além de contar com a contribuição de especialistas portugueses, timorenses e angolanos. A edição digital (2009) apresenta 442 mil entradas, sendo considerado o maior dicionário da língua portuguesa no que se refere à extensão da nomenclatura.

A quarta obra, o *Michaelis*, “[...] já se tornou uma obra de referência da língua portuguesa. Possui 2.259 páginas, com mais de 200.000 verbetes e já vendeu 85.000 exemplares em menos de um ano. Trata-se de uma obra lexicográfica atualizada e de destaque à disposição dos falantes do português” (FARIAS, 2007, p.96).

A quinta obra, o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, organizado por Francisco S. Borba e colaboradores, tem uma nomenclatura pautada em um *corpus* com cerca de 50 milhões de palavras registradas. Ademais, foram feitas notações em relação ao uso do português europeu contemporâneo”.

Nesse sentido, nota-se que a fundação da Lexicografia histórico-variacional vem como resposta à pouca atenção que a Lexicografia tradicional tem dado aos formatos lexicais que se dissociam dos padrões linguísticos postulados pelas gramáticas normativas e seus apêndices. Isto é, as realizações lexicais patentes na fala de diferentes dialetos brasileiros não têm conseguido o registro que a história deveria promover.

Desse modo, para conhecer a constituição histórica do léxico da língua portuguesa, inventariar o léxico patente nos mais diversos *corpora* do português é tarefa de que se ocupa a Lexicografia, habitualmente definida como “a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionários, vocabulários, glossários etc (WELKER, 2004, p. 11).

Concentrando-se na *Lexicografia prática*, deve-se sublinhar que há na elaboração de produtos lexicográficos diferentes áreas de investigação e construção, usualmente, definidas como Lexicografia tradicional e Lexicografia histórico-variacional, a qual é

um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta, passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua, em especial daqueles que objetivem registrar o período que antecede as novas posturassociais, comportamentais e linguísticas do período renascentista em Portugal (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Tais fatos revelam grandes preocupações que motivam à consolidação de um novo modo de fazer Lexicografia, com a elaboração de glossários, vocabulários e dicionários dialetais, atendendo a inquietações que se referem à legitimação dos usos linguísticos, e promovendo a interface entre a Dialetologia e a Lexicografia.

### **3. Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil: procedimentos metodológicos**

No tocante à constituição do *corpus* do VDRNB, para um melhor entendimento da heterogênea configuração do português brasileiro, tornou-se essencial o trabalho com dados reais da língua, sem incorrer no risco de caricaturar os usos linguísticos. Para tal, ressalta-se o trabalho pioneiro do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* no que se refere à abertura de caminhos para o desenvolvimento das pesquisas dialetais sobre a língua portuguesa no âmbito nacional.

No que tange à construção da metodologia do Projeto ALiB, foi fixada uma rede de pontos composta por 250 localidades, entendendo-as, obviamente, como uma amostragem da diversidade linguística, distribuídas ao longo de todo o extenso território nacional. Dentre tantos municípios que compõem o país-continente (CARDOSO, 2010), foram eleitos aqueles que se encaixavam em critérios como a extensão territorial, a demografia, aspectos culturais, históricos e sociais, os limites geográficos internos e externos, além da data de fundação e processo de povoamento.

O Projeto ALiB optou por entrevistar sujeitos nascidos na cidade, filhos de pais nativos e que, preferencialmente, não tivessem passado mais de um terço da sua vida



fora. Ademais, esses indivíduos não deveriam exercer atividades econômicas que exigissem grande mobilidade, a fim de não interferir na realidade linguística dos entrevistados. Em cada capital investigada foram contatados 8 informantes – 4 homens e 4 mulheres, enquadrados em duas faixas etárias – de 18 a 30 anos (jovens), e de 50 a 65 anos (idosos) – todos alfabetizados (nível fundamental e superior completo).

Para este trabalho, foram investigadas seis capitais da Região Norte do Brasil: Macapá (ponto 02), Boa Vista (ponto 03), Manaus (ponto 06), Belém (ponto 12), Rio Branco (ponto 20) e Porto Velho (ponto 21), totalizando assim, 48 informantes e aproximadamente 100 horas de escuta dos áudios, já que no início desta pesquisa, em 2017, os inquéritos não estavam transcritos.

Apesar da existência de sete capitais, apenas seis foram estudadas, seguindo a metodologia adotada pelo Projeto, haja vista a cidade de Palmas, no Tocantins, não atender aos critérios de elegibilidade. Considerando esse fato, tornou-se necessário estudar aspectos relacionados à presença de rios, às atividades agrícolas, mobilidade demográfica, sobretudo em função de um melhor entendimento das unidades lexicais obtidas como respostas para as perguntas do *Questionário Semântico-lexical* (QSL), constituído por 202 questões distribuídas em 14 áreas temáticas: *Acidentes geográficos; Alimentação e cozinha; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Corpo humano; Fauna; Fenômenos atmosféricos; Habitação; Jogos e diversões infantis; Religião e crenças; Vestuário e acessórios e Vida urbana.*

No que concerne à língua falada, em trabalhos realizados na perspectiva sincrônica, mormente no campo da Lexicografia histórico-variacional, as transcrições devem privilegiar grafematicamente as alterações fônicas, sobretudo, metaplásmicas dessas unidades. De tal modo, ao estabelecer métodos que destoam dos postulados tradicionais da Lexicografia contemporânea, revisita-se o conceito de variante lexical, já que

quando se definem variantes lexicais a questão tem apresentado outros contornos, como se ao léxico só importassem causas de ordem morfológica ou provenientes de fenômenos referentes a um estágio

superior na hierarquia taxionômica dos níveis de análise (MACHADO FILHO, 2014, p. 271).

Nesse esteio, é mister registrar os diversos aspectos do léxico (fônico, morfológico, sintático etc) de modo integrado. Assim, as decisões tomadas na construção de cada verbete devem nortear-se pelo intuito de registrar as unidades existentes no *corpus* e suas remissões.

Interessa à pesquisa a resposta dessa variação lexical, conquanto se reconheça que nem todos os eventos de norma podem ser registrados, o que significa dizer que alguns critérios devem servir de baliza para a composição da nomenclatura – conjunto de verbetes de uma obra dicionarística – pretendida. Dessa forma, optou-se por inventariar as variantes decorrentes de alguns metaplasmos presentes na língua portuguesa, tais como:

- i) prótese (acrescentamento de um fonema em início de vocábulo);
- ii) epêntese (acrescentamento de um fonema em interior de palavra);
- iii) paragoge (acrescentamento de um fonema no final de palavra);
- iv) aférese (supressão do fonema no início de vocábulo);
- v) síncope (supressão do fonema no interior de palavra);
- vi) apócope (supressão de um fonema em final de palavra);
- vii) metátese (mudança de um fonema para outro lugar da sílaba).

Seguindo tal pressuposto, Machado Filho (2010, p. 66) aponta que:

Convém aqui se fazer um alerta de que, enquanto em um dicionário geral da língua – "le serviteur de la tradition" 16 (CATACH et al., 1971, p. 167) por excelência – não pareça haver espaço para a inclusão de variantes que fujam ao *status quo* linguístico, pelas também óbvias razões de economia e insuficiência de dados, um dicionário dialetal, ao contrário, deve abarcar toda a instabilidade gráfica que os usos reais da fala possam em si fomentar, mesmo que esses itens não venham a constituir um cabeça de verbete na nomenclatura principal, senão lemas secundários na sua microestrutura, além de elementos integrantes do índice de palavras[...].

O *Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil* obedece às bases metodológicas do *Projeto Dicionário Dialetal Brasileiro*. Coadunando, com alguns

ajustes, com a proposta do *Vocabulário Dialetal Baiano*, de autoria de Neiva, e, também, filiado ao DDB, a macroestrutura – projeto dicionarístico – visa a permitir ao consulente uma investigação objetiva e eficaz, sem prejuízo à consulta.

Para tal, a nomenclatura do vocabulário compõe-se de todas as variantes encontradas, conforme critérios expostos, obedecendo ao sistema de alfabetação, com estrutura em ninho, isto é, respeitando-se a ordem alfabética no interverbetes, mas permitindo que as variantes arroladas como lemas secundários ou múltiplos quebrem, eventualmente, a ordem verticalmente ou horizontalmente.

A microestrutura adotada para os verbetes plenos é constituída, pois, dos seguintes itens essenciais: lema principal; lema secundário e (ou) lema múltiplo; classificação gramatical; registro etimológico ou do processo formativo; definição lexicográfica; área temática do QSL e número da pergunta; a abonação, em verbete com forma verbal, e a legenda geolinguística. Cada item é apresentado por indicadores tipográficos (itálico, negrito, sublinhado etc) e não-tipográficos (sinais, símbolos, parênteses etc) específicos, conforme o exemplo a seguir:

Figura 1– Excerto do VDRNB

**tisna ~ *chirna* ~ *tirna*** – sf. (< regress. de *tisnar* ‘enegrecer’)<sup>4</sup> → fuligem. ‘pó negro e pegajoso resultante da queima de combustíveis’. QSL 171: *Como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?*

06	03
20	02
21	12

Os verbetes com formas verbais apresentam algumas especificidades, como a indicação do modo e tempo verbal, o indicativo e o pretérito perfeito (IPP)<sup>4</sup>,

---

<sup>4</sup> Ao lado desse código consta o algarismo 3, assinalando a pessoa referente à forma destacada na abonação.

respectivamente, sendo as únicas formas encontradas no *corpus*; a presença da abonação e em alguns casos a entrada falsa.

Figura 2 – Excerto do VDRNB

**abort[ar]** – v. (< lat. *abortare*)<sup>a</sup> →  
perd[er]. ‘interrupção da  
gravidez’. //IPP3 **abortou**. *QSL*  
127: *Quando a mulher fica  
grávida e, por algum motivo, não  
chega a ter a criança, se diz que  
ela \_\_\_\_\_?*

06	03
20	02
21	12

No que tange ao tratamento dos verbos, quando não identificada a forma infinitiva, utiliza-se, como ferramenta metodológica no processo de lematização, a chamada falsa entrada:

a nomenclatura deveria idealmente comportar não apenas toda a variação detectada nos *corpora*, mas, também, fomentar uma estratégia de "falsas entradas" em português moderno – somente quando estritamente necessárias – devidamente sinalizadas, contudo, com indicadores estruturais, tipográficos e não-tipográficos, como elementos facilitadores de consulta, isto é, nos casos especiais em que a alfabetação pudesse ser comprometida (MACHADO FILHO, 2012, 384).

Isto é, como o item só consta no *corpus* no formato flexionado, busca-se com essa estratégia morfológica permitir a canonização da unidade, utilizando-se indicadores não tipográficos para marcar exclusivamente o infinitivo verbal, além de permitir a rápida identificação do consulente em sua necessidade de pesquisa. Como exemplos de falsa entrada morfológica, têm-se:

**abort[ar]** → abortou.

**perd[er]** → perdeu.

Significa que o verbo *abortar* não ocorre no infinitivo mas no pretérito do perfeito indicativo. A entrada, entretanto, é representada pela raiz + [ar] indicação do infinitivo verbal entre colchetes.

Para ilustrar como de fato a forma verbal ocorre no *corpus*, optou-se pela indicação da abonação – negrito e redondo –, mesmo que com ocorrência monovocabular, como em *abortou*.

No caso do verbete abaixo, não houve a necessidade da entrada falsa morfológica, pois a unidade já aparece na fala dos informantes na forma nominal infinitiva.

**Figura 3** – Excerto do VDRNB

**baldear** – v. (< *bald(e) + ear*)<sup>2</sup> → provocar. → vomitar. ‘pequena afecção no bordo das pálpebras’. *QSL 112: Se uma pessoa come muito e se sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?*

06	03
20	02
21	12

No que concerne à microestrutura adotada para os verbetes remissivos, eles são compostos por 3 itens obrigatórios: lema principal; remissão e a legenda geolinguística.

**Figura 4** – Excerto do VDRNB

*bage* → *vage*.

06	03
20	02
21	12

Esclarece-se que o termo legenda geolinguística afilia-se à figura ao lado direito da entrada, que tem o intuito de possibilitar a visualização espacial das informações de cunho dialetal, com base nos dados cartográficos da Região Norte e é composta por números/pontos que representam as capitais estudadas. Os campos preenchidos representam as localidades em que a unidade léxica foi documentada, no caso acima, a variante *bage* foi registrada em todas as localidades, exceto em Rio Branco.

Para a eleição da unidade lexical integrante do lema principal, adotou-se como primeiro critério de seleção o atendimento à resposta-padrão do *QSL*. Em caso de não



ocorrência da variante(s) esperada(s), registrou-se a de maior frequência. Nos demais casos, em que houve a mesma frequência para unidades distintas ou casos de palatalização ou rotacismo, foi registrada a forma representativa da norma-padrão.

Dentre os elementos que compõem o projeto dicionarístico, um dos itens mais procurados pelo consulente é a definição lexicográfica, sendo o eixo central do verbete. De tal modo, é preciso ter precisão em relação as estratégias de definição, afinal é fundamental “[...] dar al usuario una instrucción que le permita interpretar correctamente signos léxicos según su papel de emisor lingüístico, receptor lingüístico o traductor”<sup>5</sup> (WERNER, 1982, p. 271).

A partir do exposto, o Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil apresenta-se como uma possibilidade para o tratamento lexicográfico de dados dialetais, a partir da motivação de corroborar para a salvaguarda de uma parte da história da língua que, provavelmente, nunca estaria documentada devido ao estigma social que seus falantes possam ter.

### Conclusão

Passado e presente dialogam no sentido de permitir a construção do futuro. Foi com essa intenção que se desenvolveu esta pesquisa, para que pudesse servir ao registro das unidades lexicais em uso real, cujos modelos provavelmente não mereceriam o registro lexicográfico da norma-padrão, pois não são próprias de dicionários de língua e jamais o seriam se não se pusesse o olhar linguístico sobre elas.

Assim, o diálogo estabelecido neste trabalho entre a Lexicografia histórico-variacional e a Dialetologia mostra-se extremamente relevante para a elaboração de futuras obras lexicográficas que priorizem os efetivos de língua. Ademais, com o desenvolvimento do VDRNB espera-se que este estudo se reflita como uma contribuição para as discussões engendradas no âmbito da língua portuguesa no Brasil.

---

<sup>5</sup> “[...] Dar ao usuário uma instrução que lhe permita interpretar corretamente signos léxicos segundo seu papel de emissor linguístico, receptor linguístico ou tradutor.”



## Referências

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v.1. Londrina: Ed. UEL, 2014.

\_\_\_\_\_. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

COSTA, Daniela de Souza Silva. **Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste**: interfaces entre a Lexicografia e a Dialetologia. 2018. 353 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2018.

FARIAS, E. M. P. Breve História do Fazer Lexicográfico. In: **Revista TRAMA**, Paraná, nº 5, v. 3, p.89-97, 2007.

MACHADO FILHO, A. V; L; NEIVA. I. **Ainda sobre “as origens e estruturação histórica do léxico português”**: étimo e processos de formação em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Disponível em: <http://sibaese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17772/15131>. Acesso em 24 fev.2020.

\_\_\_\_\_. Lexicografia histórica e questões de método. In: LOBO, Tânia et al. **ROSAE**: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 382.

\_\_\_\_\_. Um ponto de intersecção para a dialetologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB, **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 41, p. 49-70, 2010.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 153-159.

NEIVA, Isamar. **Vocabulário Dialetal Baiano**. 2017. v. 1, 270 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

SOUSA, Correia de. **Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil**: um estudo das capitais com base nos dados do Projeto ALiB. 2019. 134 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

VILELA, Mario. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU  
ISSN: 2178-1486 • Volume 10 • Número 30 • Abr 2020

WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, Günter et al (Orgs.). **La lexicografía**. De la lexicografía teórica a la lexicografía práctica. Madri: Editorial Gredos S.A., 1982a, p. 21-94.

Recebido Para Publicação em 26 de fevereiro de 2020.  
Aprovado Para Publicação em 20 de abril de 2020.